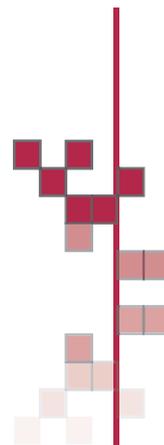


# As casas do Brasil na Europa

## The houses of the Brazil in Europe



Ceres Karam Brum<sup>1</sup>  
cereskb@terra.com.br

### Resumo

*O nome Casa do Brasil remete às residências estudantis que foram construídas na década de 1950-60, objetivando fomentar a formação educacional internacional dos pesquisadores brasileiros. Essas casas se constituem em monumentos responsáveis pela disseminação de uma imagem modernista do Brasil na Europa. Seus principais expoentes são a Maison du Brésil de Paris e a Casa do Brasil de Madri. Por seu turno, o nome "Casa do Brasil", desde a década de 1990, vem sendo utilizado para nomear associações que apoiam imigrantes brasileiros na Europa como demonstram as Casas do Brasil de Londres, Lisboa e Munique. Este trabalho deseja refletir sobre essas casas como "territórios educacionais brasileiros" na Europa a partir de um percurso que articula os desafios da realização de um trabalho de pesquisa histórico e etnográfico, cotejando as relações entre antropologia, etnografia e educação.*

**Palavras-chave:** educação, casa, imigração, etnografia

### Abstract

*The name Casa do Brasil refers to the student residences built in the decade of 1950-60 with the purpose of fomenting the international educational formation of the Brazilian researchers. These houses constitute monuments responsible for the dissemination of a modernist image of Brazil in Europe. Its main exponents are the Maison du Brésil in Paris and the Casa do Brasil in Madrid. For its part, the name "Casa do Brasil", since the 1990s, has been used to name associations that support Brazilian immigrants in Europe, as demonstrated by Casas do Brasil in London, Lisbon and Munich. This work wishes to reflect on these houses as "Brazilian educational territories" in Europe from research course that articulates the challenges of the accomplishment of a work of historical and ethnographic research that crosses the relations between anthropology, ethnography and education.*

**Keywords:** education, house, immigration, ethnography

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFSM.

## 1. Percurso da Pesquisa

Em outubro de 2003, quando cheguei a Paris para um doutorado sanduíche de sete meses, o primeiro de tantos impactos que me aguardavam numa primeira viagem à Europa foi à visão, na Cité Internationale Universitaire, de uma residência que diferia largamente das demais, (Brum, 2009). A visão da colorida da Maison du Brésil me apaziguou! Era um final de tarde de sexta-feira. Eu havia percorrido os arrabaldes de Paris até chegar a Maison, em um veículo *airport shuttle* que me apanhou no aeroporto Charles de Gaulle, já com uma hora de atraso. Enfim, eu havia chegado sã e salva, estava em Paris, melhor ainda estava em um lugar brasileiro em Paris, conforme me apercebi desde meus primeiros momentos na cidade.

Minha breve narrativa de uma chegada atribulada de medos iniciais da vida fora do Brasil, da perda de malas e de desentendimentos linguísticos "eu não entendo esse francês" foi recorrente nas falas de várias pessoas que presenciei chegar em 2003 e 2004 do *hall* envidraçado da Maison du Brésil. Narrativas míticas que rememoram como tudo começou em Paris, a partir da Maison, dos novos amigos tornados parentes, dos desatinos e desacertos com orientadores e problemas de inserção nas universidades e laboratórios.

Ao conviver neste universo pleno de significações, um mundo à parte em Paris se descortinou. Os pesquisadores brasileiros que vivem na Maison du Brésil não são imigrantes nem turistas, mas de alguma forma interagem, com estes dois universos. Vir estudar em Paris em estágio doutoral ou pós-doutoral envolve anseios de uma formação internacional, da busca de intercâmbio de pesquisas com profissionais franceses e de demais países, mas remete também ao acionar de outras identidades e a busca de outros interesses. Conhecer a cidade e outros lugares da Europa, fazer amigos e, em algumas situações, buscar trabalho temporário.

Neste sentido, o residir na Maison du Brésil torna peculiar a experiência internacional dos pesquisadores brasileiros, pois sua inserção no cenário educacional francês é quotidianamente mediada por imagens do Brasil, pela língua portuguesa entrecruzada ao francês de brasileiros e, por relações, em sua maioria, entre brasileiros na França. É interessante observar, que a provável passagem de um cenário "local" no Brasil para um cenário cosmopolita (Hannerz 1990, p. 253) ocorre a partir deste espaço significado como território brasileiro em Paris.

Do ponto de vista de meus estranhamentos nasceu o desejo de entender melhor a experiência educacional internacional que vivenciei e de tantos outros pesquisadores, bem como a de seus acompanhantes. Passados alguns anos, retornei a Maison du Brésil e passei a percebê-la como um lugar de memória significativo na minha história de vida. Conforme propõe Augé, ao analisar as relações pessoalmente estabelecidas com o passado através da visita e leitura individual de um vestígio: "Ce Paris-là, ce sont mes ruines à moi, une ouvre d'art hors d'age et qui, pour cette raison, me donne le sentiment qu'elle n'existe que pour moi". (Augé 2003, p.124).

Em virtude deste processo de estranhamento em janeiro de 2010 retornei à Europa para a realização da pesquisa de pós-doutorado. Foram 12 meses consecutivos de observação participante como residente na Maison du Brésil com consulta documental e um conjunto de trabalhos de campo e pesquisas documentais na Casa do Brasil de Madri, realizados entre junho de 2010 e fevereiro de 2013.

Deste trajeto de pesquisa, do conjunto de inquietações e resultados parciais surgiu o desejo de conceber uma reflexão que articulasse as motivações da criação destes territórios brasileiros na Europa durante o governo JK, à história das residências, com as "novas" Casas do Brasil na Europa, que igualmente entendo como "espaços culturais nacionais brasileiros", voltados à questão da imigração.

A experiência internacional educacional de pós-graduação dos pesquisadores e dos trabalhadores imigrantes brasileiros na Europa, com os quais dialoguei (Brum, 2014) é perpassada por representações de ser brasileiro como pedra de toque da reconfiguração identitária no exterior, que mescla elementos linguísticos, espaciais, alimentares e artísticos brasileiros, aos elementos locais franco-hispânico, luso-germânico. Esta articulação, conforme ensina Abelés (2008) ao analisar a globalização como um fenômeno antropológico, remete a vivência de identidades des-territorializadas. Neste caso, de uma cultura brasileira até certo ponto inventada para ser vivida no exterior e caracterizada pela produção de estereótipos, bem como por suas desconstruções. Por sua vez, remete também a questão da história das identidades nacionais em contextos internacionalistas, conforme se configuram as cidades universitárias francesa e espanhola, caracterizados por exibições identitárias de celebração do nacional (THIESE, 2000).

Nestas cidades universitárias, as casas nacionais apresentam características arquitetônicas que remetem ao país de origem. Para além da moradia estudantil de caráter privado, em que se configuram, são espaços públicos de exibição do nacional "brasileiro", neste caso. São casas museus inscritas no conjunto patrimonial nacional da França e da Espanha.

A par desta dinâmica observada na Casa do Brasil de Madri e na Maison du Bresil em Paris percebi um grande contingente de estudantes/ pesquisadores e trabalhadores brasileiros em circulação internacional que participam das atividades das casas em eventos ou que acorrem as mesmas em busca de informações variadas. É neste contexto de atendimento a imigrantes brasileiros no exterior (e justamente em locais em que não existem ou em que já existiu uma destas residências - Lisboa, Londres e Munique) que surgem as novas Casas do Brasil.

## 2. A Casa como Território Educacional

Ao longo da história da Antropologia como disciplina há um conjunto de trabalhos que abordam a casa. Neste campo de produção na França, Griaule (1966) estudando a casa *Dogon*,

Lévi-Strauss (1955) analisando a casa *Bororo*, Bourdieu (1980) interpretando a *Maison Kabyle* e Ruegg (2011) estudando as habitações camponesas na Europa. Tais estudos abordam as particularidades do habitar a casa em seus aspectos de universalidade como lugar de repouso, produção de alimentos, relações parentais, etc. Neste sentido, as casas, de pontos de vistas etnográficos e antropológicos vários, são apontadas em sua diversidade como pedra de toque das particularidades culturais das experiências de sociabilidade, intimidade e educação dos grupos. Igualmente há toda uma tradição de trabalhos antropológicos que abordam a casa no contexto da globalização como espaço privilegiado de investigação da cultura material, em uma tradição inaugurada pelos trabalhos de Miller (2000), que inspiraram investigações que valorizam a questão do deslocamento/imigração, como os de Rosales (2015), de Chollet (2015). Há ainda trabalhos que remetem as dimensões patrimoniais e educativas do Habitar como em Brum e Russi (2019).

Ao interpretarem dimensões simbólicas e espaciais das casas, tais estudos oferecem um aporte significativo para refletir sobre a habitação na atualidade, pois segundo Ruegg (2011, p. 26) a representação e o imaginário que inspira a casa, ou ainda, os papéis que se lhe atribuem permitem reconstruir a sociologia, a história das ideias e a cosmologia das diversas concepções de habitar e do habitat.

Para de Certeau (1998, p.202) "o espaço é um lugar praticado", no sentido de que a partir do espaço se produz experiência, vivências expressas através de narrativas que produzem as transformações de lugares que se constituem em: "uma ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Uma configuração instantânea de posições que indica estabilidade (1998, p.201). Não se pode ocupar o mesmo lugar, mas se pode manipulá-lo e produzir espacialidades.

Penso que a utilização simbólica deste espaço encontra no conceito de território melhor destino, pois o território se traduz em dinâmica, leva a produção de fronteiras simbólicas, legais e materiais na demarcação de espaços e suas vivências. Segundo Saquet (2010, p.23) a abordagem territorial<sup>2</sup> permite compreender elementos e questões, ritmos e processos da natureza e da sociedade. Ela pode contribuir para a compreensão dos processos que valorizam as relações sociais entre os sujeitos, destes com seus lugares e destes com outros lugares (i)materialmente (Saquet: 2010, p.177), articulando a análise das formas de relação que os grupos estabelecem com o espaço, na sua produção de identidades, conforme propõem Bergues e Alhandery (2004, p.6).

A abordagem dos territórios educacionais objetiva propor uma interlocução entre os conceitos de território e de edu-

cação, dando sentido ao termo Casa do Brasil em sua dimensão catalisadora de produção simbólica, histórica e socialmente construída. O entendimento de território remete a perspectiva de Ortiz (2002) que relaciona sua constituição com a capacidade de manipulação simbólica do grupo, em termos de delimitação espacial. Para ele: "um grupo é um território capaz de delimitar suas próprias fronteiras". (Ortiz: 2002, p.62).

Esta capacidade de formatação espacial remete a um universo partilhado de códigos que permite articular espaço e valores traduzidos em desejos demarcatórios definidores das identidades do grupo, para forjar um território. Por outro lado, essa autonomia se cinge a algum tipo de referência igualmente espacial, mesmo que menos fixa, mas que pode, por exemplo, estar presente, enquanto referente, no imaginário de pessoas em circulação, permitindo recriações de seu universo de origem que nos conduz a pensar acerca da desterritorialização de identidades.

A desterritorialização, por se relacionar com os processos de deslocamento, apresenta como um de seus desafios de entendimento a observação e interpretação dos vínculos que se estabelecem nestas situações com os territórios de origem e de destino. Coloca em questão a própria noção de território e suas interpretações, o que se apresenta através do estabelecimento de relações caracterizadas pela duplicidade, conforme expressa Abelés "la manière dont les groupes, dont on dit parfois un peut vite qu'ils sont "déterritorialisés", pensent et pratiquent leur doublé rapport à leur territoire d'origine et avec les pays où ils se trouvent disséminés. (Abelés: 2008, 203).

Rosales (2015, p.108), ao argumentar sobre a representação dos efeitos da desterritorialização como produto do deslocamento e ocupação dos novos lugares propõe a análise da reterritorialização do espaço contemporâneo como forma de entender os efeitos da desterritorialização. A análise que pretendo realizar ao dialogar com os processos de (des) e (re) territorialização do espaço, tendo como foco de investigação as Casa do Brasil na Europa aponta para o entendimento das dinâmicas destes processos enquanto processos de aprendizagem e, por isto educacionais.

Assim, os processos de (des) e (re) territorialização de identidades observados remetem a uma percepção de educação que articula os processos de escolarização e trabalho envolvidos nas experiências de circulação internacional de pós-graduação no exterior, em que se inscrevem as Casas do Brasil como espaços de habitação temporária, e as associações de apoio aos imigrantes. Acena à produção de um aprendizado cultural inscrito nos significados das casas que concerne à produção de um aprendizado da nação fora da nação. Viver o Brasil fora do Brasil implica, em termos educacionais a produção de um *ethos*, com

<sup>2</sup> Cabe ressaltar que a utilização do conceito de território não se constitui em nenhuma novidade nas Ciências Sociais e especialmente na Antropologia, conforme demonstram os trabalhos de Evans-Pritchard e, mais recentemente, Sahllins, Marcus e Latour. A utilização do conceito remete à busca de entendimento dos sentidos atribuídos ao espaço nos processos de sua ocupação pelos grupos sociais estudados. Em relação à temática dos deslocamentos reais e virtuais que caracterizam os estudos sobre mundialização, na perspectiva de Abelés (2008) e de Rosales (2015) creio que o conceito de território passa a adquirir uma potencialidade explicativa ainda maior por assinalar a demarcação de referentes no desejo de afirmação e exibição identitária de um dado grupo, como o observado entre os residentes das Casas do Brasil e nas associações de apoio aos imigrantes.

a pedagogização da nação no exterior a partir da materialidade destas Casas do Brasil na Europa. Um aprendizado que implica dialogar com a nação que o "acolhe", entender seus fluxos e a lógica utilizada pelo estado, de ponto de vista jurídico e econômico, por exemplo. A educação neste sentido possui:

*Uma "dimensão ao mesmo tempo comum e especial de tessitura de processos e de produtos, de poderes e de sentidos, de regras e de transgressão de regras, de formação de pessoas como sujeitos de ação e de identidades e de crises de identidades, de invenção de reiterações de palavras, valores, ideias e de imaginários com que nos ensinamos e aprendemos a sermos quem somos. (Brandão: 2002, 25).*

Um aprendizado que ocorre a partir de variadas formas de territorialização, que abrange, por exemplo: a disposição dos móveis nos quartos dos residentes, o uso de imagens que remetem aos familiares e amigos deixados no Brasil, às referências a Maison du Brésil como "o favelão de Paris", "um bunker" ou como "a terra do nunca", por exemplo. Exposições de arte, audições musicais e festas que remetem ao Brasil e suas regiões também se inscrevem na produção de fronteiras culturais dos grupos em processo de territorialização.

As novas Casas do Brasil se constituem igualmente em lugares culturais brasileiros no exterior. Essas casas são associações que têm como principal objetivo apoiar os imigrantes que as procuram através do oferecimento de variados serviços, tais como: informações sobre regularização da documentação, apoio jurídico e psicológico, oferecimento de cursos de curta duração e ao proporcionar auxílio à inserção profissional, por exemplo. Nestas casas as territorializações ocorrem também através de festas e difusão de expressões da cultura brasileira em Lisboa, Munique e Londres.

Nestes casos, porém, as afirmações da brasilidade se expressam em busca do exercício ou da afirmação da cidadania ou em prol da obtenção do seu exercício. As Novas Casas do Brasil, como associação em que se constituem, desempenham igualmente um papel fundamental no aprendizado da nação receptora, do ser imigrante, de sua autonomização e integração ao novo país através das atividades que desenvolvem.

### **3. A Maison du Brésil e a Cité Internationale Universitaire de Paris (CIUP). A Casa do Brasil e a Ciudad Universitaria de la Complutense de Madri**

A Maison du Brésil foi inaugurada em 1959 durante o governo de Juscelino Kubtchek de Oliveira. O governo brasileiro, ao patrocinar a construção da "Maison du' Brésil" em Paris a partir de um acordo com a Universidade de Paris (a qual está circunscrita a CIUP), apostou na necessidade de disponibilizar

uma estrutura habitacional para seus pesquisadores, visando a internacionalização educacional de suas elites. A construção do prédio de concepção modernista assinado por Lucio Costa e Le Corbusier foi realizada em três anos com recursos do Ministério da Educação do Brasil, via rubrica da CAPES.

A Maison du Brésil está situada na CIUP cuja criação ocorreu em 29 de junho de 1921 (Anuaire 2004, p. 20). Sua concepção se comunica com a dupla perspectiva da celebração do nacional e da "abertura para o exterior", no período entre guerras. A CIUP se inscreve em um projeto internacionalista ligado à celebração do nacional. Ela encarna a dimensão "civilizatória", de atração, alargamento e melhoria das condições de moradia para estudantes estrangeiros em Paris, como demonstra Karady (2002, p.56), ao relacionar a dimensão mítica da magia exercida por Paris como capital intelectual da Europa, com a constituição de produtos para consumo cultural como as universidades e academias, inexistente em outros lugares.

Para Karady (2002, p.59) a CIUP se inscreve em um dos esforços políticos do estado francês (com fundos de diversos países), objetivando favorecer a vinda de estudantes estrangeiros para Paris. O projeto da CIUP extrapola duplamente a criação de alojamentos e a formação universitária francesa. Ele atinge uma perspectiva educacional ampla em prol da manutenção da paz mundial, com a exigência de formatação de mentalidade moderna do entre guerras.

Este aprendizado pode ser percebido na arquitetura das casas, nos espaços coletivos, em suas normas e atividades culturais que estão em interlocução com as nações e regiões que lá possuem *maisons*, bem como através de suas peculiaridades de organização e relativa autonomia, que se dinamiza ao longo da história da CIUP. Sua proposta contemporânea atualiza os ideais que a originaram nos anos 20 e objetiva favorecer o desenvolvimento da circulação internacional a partir do oferecimento da estrutura habitacional necessária "integrada" à cidade de Paris, como proposta para o desenvolvimento individual de cada residente. Como projeto coletivo, a perspectiva de integração a partir do convívio de estudantes de diversas nações e regiões se expressa nas atuais 40 residências que a compõem e materializam a representação da diversidade-mundo, na proposta de espaços coletivos a serem partilhados por todos os seus habitantes, como a Maison Internationale, por exemplo.

Do ponto de vista de sua concepção a CIUP têm a preocupação expressa de evitar a formação de guetos nas diferentes residências. Esta busca ocorre através da *brassage* que corresponde à ocupação de até 30% de cada uma das residências por estudantes de nacionalidades diversas da nação que a Maison representa. A *brassage*, que objetiva misturar, efetiva a circulação internacional entre os residentes dentro dos limites da CIUP. A situação de *brassage* vivenciada pelos pesquisadores coloca a questão da obrigatoriedade de interlocução com o mundo do outro como uma condição de sobrevivência.

Esta interlocução entre os pesquisadores brasileiros e não brasileiros se percebe de forma peculiar na Maison du Brésil. O contato dos pesquisadores brasileiros que desejam residir na

Maison, as informações necessárias sobre a residência e a candidatura a uma vaga ocorrem através do website [www.maisondubrasil.org](http://www.maisondubrasil.org) que a apresenta destacando aspectos de sua história e reconstrução, seu caráter patrimonial e seus residentes ilustres. A Maison du Brésil, possui 5 andares e 100 apartamentos, abrigando cerca de 125 pesquisadores.

A Ciudad Universitaria de la Universidad Complutense de Madri se situa no campus de Moncloa, na região central da capital espanhola. Trata-se de um conjunto de prédios que abrigam instituições de ensino superior, museus, estrutura administrativa e também residências estudantis denominadas Colegios Mayores. A lei que institui a Ciudad Universitaria de Madri é de 22 de outubro de 1931, promulgada no contexto da tomada do poder pela Segunda República. Com a Guerra Civil Espanhola as obras, em fase de inauguração, foram interrompidas e a partir de 1936 a Ciudad Universitaria se transformou no principal cenário de defesa contra as tropas rebeldes. A Batalha de la Ciudad Universitaria (ocorrida entre 15 e 23 de novembro de 1936), se constitui em um dos marcos da atuação que instaurou o franquismo na Espanha e marcou decisivamente a vida da Ciudad Universitaria desde então.<sup>3</sup> A Casa do Brasil de Madri, inaugurada em 1962, foi projetada pelos arquitetos Luis Afonso d'Escragolle Filho e Fernando Moreno Barberá. Atualmente abriga cerca de 150 residentes.

#### 4. Alguns Paralelos

Percebo algumas aproximações entre as duas cidades universitárias no que concerne ao momento de estruturação (o período do entre guerras), bem como sua dimensão internacionalista. O



Figura 2 Casa do Brasil de Madri. Acervo do autor, 2017

momento de construção das duas residências brasileiras é também similar, coincidindo com o desejo do governo de JK de internacionalizar a formação das elites, propiciando estrutura habitacional condizente com este projeto temporário, para se converter em um diferencial educacional, de concepção modernista.

Há um maior conservadorismo no que se refere à cidade universitária espanhola traduzido no papel destinado aos Colegios Mayores na educação, conforme destaca Lasso de Vega (1948, p. 499) que os analisa como *locus* de formação das elites dirigentes da Espanha. Na sua ótica eles possuem uma função nacional de formação dos governantes. O Colégio Mayor, em sua configuração, comporta moradia e estrutura educacional para formar os membros que lhes são "confiados" durante seu processo de educação universitária.

Em ambas as Casas do Brasil há uma intencionalidade de regramento e promoção do coletivismo que se dá através das referências ao país em atividades que remetem ao lazer, veiculando a cultura brasileira inclusive em termos das apropriações de diferentes regiões do Brasil. A promoção e/ou apoio da direção às festas, aos ciclos de cinemas e debates sobre o Brasil se inscrevem nesta perspectiva: o ciclo de cinema novo, o Clube do Choro, o Domingo de Sol, festas juninas, carnaval, Natal e Ano Novo, bem como a realização de exposições de arte, objetivando mostrar a diversidade brasileira na Europa.

Há ainda, atividades que envolvem várias residências estudantis como a Festa das Nações que se realiza anualmente em maio na CIUP, reunindo mostras de arte e comida/danças e músicas apresentadas como típicas de diversos países através da atuação dos residentes e sob a organização dos Comitês de Residentes e das direções das casas. Ressalto a dimensão de território educacional atribuído às casas nações que se mostram e buscam interlocuções através destes rituais pacíficos da diversidade-mundo, encontrados nas cidades universitárias.

Há, também, diferenças substanciais entre ambas as casas que podem ser exemplificadas nos seus modelos de gestão, si-



Figura 1 Maison du Brésil Acervo do autor, 2017

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://es.wikipedia.org/wiki/Batalla\\_de\\_la\\_Ciudad\\_Universitaria\\_de\\_Madrid](http://es.wikipedia.org/wiki/Batalla_de_la_Ciudad_Universitaria_de_Madrid)>. Acesso em: 30/04/2021

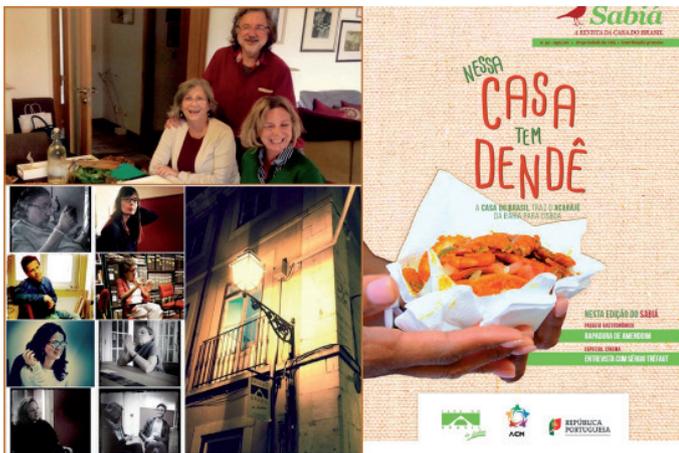


Figura 3 Casa do Brasil de Lisboa. Foto Alain Demarcy, 2017

tuação jurídica e filiação institucional. A Casa do Brasil de Madri está vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e a Maison du Brésil ao Ministério da Educação. Daí decorre um modelo de gestão que privilegia, na esteira dos Colegios Mayores em que se configura, uma estrutura hoteleira de alto custo com fornecimento de 3 refeições diárias, serviços de lavanderia e limpeza, salas de convívio, ginásio de esporte e uma capela em que é celebrada missa semanalmente. Não há possibilidade de organizações de festas pelos residentes. Há um calendário fechado de eventos regrados e promovidos pela própria direção da casa.

Somado a isto se tem no espaço do Colégio Mayor Casa do Brasil o funcionamento de uma série de cursos como de português, capoeira e violão que se cinge não apenas ao aprendizado da nação e de sua diversidade pelos brasileiros, mas que remete especialmente a uma pedagogização do Brasil na Espanha, bem como a celebração dos jogos de futebol como evento oficial da residência, congregando a comunidade de brasileiros em Madri para além de seu universo estudantil e de pós-graduação. Lá encontrei funcionários da embaixada e consulado do Brasil e entrevistei inclusive um trabalhador brasileiro da construção civil de São Paulo em situação ainda irregular – como me relatou. Para ele a Casa do Brasil é um lugar de encontro de brasileiros em Madri.

Outra diferença crucial entre as duas residências é a relação das mesmas com os bolsistas CAPES/CNPq enviados para estágios de doutorado e pós-doutorado nestes países. Em entrevistas realizadas em 2010 e 2017 o diretor da Casa do Brasil de Madri, Cássio Romano, em setembro de 2018, enfatizou sua contrariedade em estabelecer acordos para recebimento prioritário dos bolsistas brasileiros, como ocorre na Maison du Brésil que está ligada ao MEC e acolha prioritariamente bolsistas CAPES/CNPq.

As significações percebidas durante os trabalhos de campo adentram um universo diacrônico da história individual e de fragmentos da memória coletiva em que o grupo alicerça sua estada temporária no exterior e seu presente em discursos

passados. A organização da cultura se dá a partir da reconfiguração do passado e de sua interpretação no presente, na esteira de Sahlins (1999). Minhas observações me remeteram com frequência a imagens concebidas das casas do Brasil e dos habitantes célebres que as habitaram. O peso da história destas casas no que concerne à organização a que são submetidos seus residentes se percebe, por exemplo, na expressão espacial de intencionalidade da criação de espaços modernistas (as casas) como imagens do Brasil no exterior. Igualmente se percebe na aplicação de normas das cidades universitárias e das próprias casas por seus diretores e funcionários.

Estas normas prescrevem comportamentos, atitudes e tempo de permanência que remetem ao momento de criação das cidades universitárias, no período do entre guerras com o objetivo de fomentar uma concepção internacionalista e pacifista em prol da paz mundial, através da educação das elites nacionais em cenários internacionalistas. Tais concepções são significadas como multiculturais por seus administradores e se chocam com as diferenças protagonizadas por seus habitantes na atualidade, desafiando o convívio destes imigrantes temporários e sua interlocução com as cidades cosmopolitas de Paris ou Madri que os acolhe e que, por sua vez, dialoga com as contradições e problemas da imigração na atualidade.

Observei também que a percepção das casas, expressa nas narrativas de seus habitantes, oscila entre um espaço idílico de encontro de brasileiros no exterior com vivências festivas do Brasil e de suas regiões e a representação espacial de um *bunker* que segrega os brasileiros pesquisadores da vida de Paris ou de Madri. As relações com seus espaços são plurais, mas sempre firmemente posicionadas: muitos residentes amam ou odeiam viver em uma das Casas do Brasil. Por que este habitar suscita paixões que extrapolam a dimensão da casa?

Penso que a noção de território educacional, problematizada a partir de uma abordagem da Antropologia da Casa auxilia no entendimento não apenas das simbolizações do espaço e sua territorialização, mas igualmente contempla as relações de afetividade e aprendizado que se processam no interior das casas e suas repercussões. Neste sentido, é possível relacionar as Casas do Brasil na Europa à própria metáfora de Lofgreen (1999) da “nação como casa”, na qual os imigrantes não penetram para além da soleira ou do quintal.

Nos relatos dos residentes sobre sua chegada em Madri e em Paris, as Casas do Brasil de Paris e de Madri são percebidas como extensões do Brasil. Um Brasil frequentemente festejado e estereotipado em suas festas e exposições, mas que é também vivido pelos residentes como um projeto regional que identifica, aproxima e contrasta grupos de nordestinos, sulinos e nortistas, com os estudantes e pesquisadores de outras nacionalidades que residem nas casas ou, até mesmo, nas cidades universitárias de Paris e Madri.

Para Thiesse (2010, p.71), a par dos demais conhecimentos que devem ser apreendidos na escola, através dos manuais escolares, ela também se reporta a aprendizagem de uma sensibilidade à nação. Para Gellner (1989, p.60) a nação apresenta

como exigência uma alta cultura comum, forjada através de um processo designado como exo-educação que confere à nação um sentido de universalidade e propicia a homogeneização de seus membros.

Assim, é a nação que ensina e reforça a nação, mesmo fora de seus limites geográficos, como no caso das Casas do Brasil na Europa. Elas se configuram em territórios educacionais construídos para se viver temporariamente na Europa, sem deixar que o Brasil seja esquecido, que se apresentam como patrimônios culturais brasileiros. Lugares para reinventar Brasil e pedagogizar a nação.

## 5. As novas Casas do Brasil

Thiesse ao refletir sobre crise de identidade e medo do futuro afirma que: vivemos recentemente uma situação altamente paradoxal, a identidade do indivíduo está centrada em

um alto grau de precisão e ele, ao mesmo tempo, dispõe de escolha de identidades ilimitadas (Thiesse: 2010, p.189). Para a autora, é neste contexto plural das crises políticas da mundialização em que se encerra o atual debate sobre identidade nacional e em que as nações continuam avessas a um poder supranacional que as controle (Thiesse: 2010, p.191). É no espaço territorial da União Europeia, que aparecem as novas Casas do Brasil como centros de atendimento a imigrantes brasileiros no exterior em Lisboa<sup>4</sup>, Londres<sup>5</sup> e Munique<sup>6</sup>:

Uma breve análise das informações apresentadas nos seus sites permite concluir que estas novas casas do Brasil foram criadas a partir da década de noventa. Feldmann-Bianco (2001) analisa a crise diplomática enfrentada entre Brasil e Portugal em 1993, por ocasião de maus tratos a imigrantes brasileiros no aeroporto de Lisboa e Porto, através do protagonismo da Casa do Brasil de Lisboa.

O aparecimento destas 3 associações se dá num momento de forte aumento do número de imigrantes brasileiros

<sup>4</sup> A Casa do Brasil de Lisboa (CBL) é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada oficialmente em Janeiro de 1992 por brasileiros residentes em Portugal e portugueses amigos do Brasil, aberta a todas as nacionalidades.

A CBL defende os interesses de todos os imigrantes em Portugal, em especial os brasileiros e os de origem lusófona, dentro de uma ótica de integração e de luta pela igualdade de direitos e responsabilidade cidadã.

Atua como polo de reflexão e promoção de debates temáticos e intervém ativamente em questões relativas à política de imigração em Portugal e à luta contra o racismo e a xenofobia, entre outras.

A CBL é laica, apartidária, porém não apolítica. Entende que as questões relativas aos imigrantes em Portugal e emigrantes em todo o mundo têm um caráter político e assim são encaradas pelas diversas sociedades e Estados (...).

Nas suas atividades permanentes de promoção cultural das coisas do Brasil, como aulas de danças, palestras, exposições, workshops, cinema e festas.

A CBL é uma associação de imigrantes reconhecida como tal nos termos da Lei 115/99, de 3 de agosto de 1999. Tem assento no COCAI - Conselho Consultivo para os Assuntos da Imigração da Presidência do Conselho de Ministros e desde sua fundação, mantém um diálogo permanente com as autoridades portuguesas, na ótica da defesa dos interesses dos imigrantes em Portugal, em especial, da comunidade brasileira. (...)Disponível em: <<http://www.casado brasil.info/>>

<sup>5</sup> A Casa do Brasil em Londres é uma companhia limitada por garantias funcionando em forma de associação, registrada em 4/8/2009 junto ao 'Companies House' sob número 6980167. Nosso endereço completo é: 21 Foley Street, London, W1W 6DR, Reino Unido. O horário de atendimento é: de segundas às sextas-feiras das 10:00 às 18:00 horas e aos sábados, das 11:00 às 17:00 horas. Excepcionalmente, aos domingos poderá ser marcado um atendimento especial desde que haja disponibilidade do profissional ou voluntário procurado. O nosso telefone é 020 7580 0133 e nosso fax 08452 991 899. Nosso endereço de e-mail geral é: info@casado brasil.org.uk e nosso msn pode ser adicionado pelo casado brasil@hotmail.co.uk. Não há atendimento garantido pelo MSN, a não ser que previamente agendado. A direção da Casa do Brasil em Londres está sob os cuidados de Carlos Mellinger. A organização está registrada também no serviço de proteção de dados, assegurando aos associados privacidade e segurança.....{serviço} Aconselhamento Jurídico através de advogados registrados na Law Society ou OISC; Serviços por procuração no Brasil: Casamentos, Divórcios, etc. Aconselhamento Psicológico, Traduções Juramentadas\*, Intérpretes (reembolso de transporte necessário), Assistência Social; Assistência Geral à comunidade brasileira, inclusive com relação a benefícios sociais; Aulas de Inglês Britânico\*; Regularização de CPF; Formulários e Guias do Consulado Geral do Brasil em Londres; Auxílio no preenchimento de formulários; Auxílio na busca de acomodações, trabalhos e escolas; Mural de Anúncios; Caixas Postais\*; Internet, Serviços de Cópias, Digitalização de Documentos e Serviço de FAX\*; Cartões de Visitas\*; Convênios com médicos e dentistas brasileiros; Convênio com auto-escola em português; Auxílio para abertura de contas bancárias; Auxílio para emigrantes ainda no Brasil através de atendimento virtual; Espaço para pequenos eventos, seminários e reuniões\*; Lojinha com souvenirs brasileiros (bandeiras, brincos, broches, etc.); Organização, realização e participação em eventos comunitários; Serviço VIP para associados mediante requisição\*; Atendimento itinerante em cidades do interior e litoral da Inglaterra, Escócia e Gales; Serviço de atendimento de emergências - 24 horas. (\*) Alguns dos serviços são pagos, mas os associados sempre contam com descontos de até 50% nos serviços cobrados (exceto convênios). Disponível em: <<http://www.casado brasil.org.uk/casa-brasil>>

<sup>6</sup> A Casa do Brasil foi fundada em 1992 por brasileiros que moravam em Munique e tornou-se, através de seus eventos, um ponto de encontro para brasileiros, alemães e todos que se interessam pelo Brasil. Os eventos tratam principalmente de temas sociais, políticos e culturais ligados ao Brasil. As palestras são seguidas por discussões e as noites são encerradas com boa música e comida típica brasileira. Ligada à instituição está a Biblioteca do Brasil que conta com um acervo de aproximadamente 2000 volumes de obras científicas e de literatura brasileiras em diferentes áreas, assim como revistas, cds e vídeos. Parte do acervo também está disponível em alemão. Biblioteca do Brasil - Casa do Brasil e.V. Disponível em: <[http://www.casado brasil.de/cdb\\_verein\\_pt.php](http://www.casado brasil.de/cdb_verein_pt.php)>



Figura 4 Casa do Brasil de Munique. Foto Alain Demarcy 2017



Figura 5 Casa do Brasil de Lisboa. Foto Alain Demarcy, 2017

na Europa. A criação destas Casas acena pelo menos para duas dimensões: um desejo de “acolhimento” e prestação de serviços a imigrantes trabalhadores em processo de adaptação no exterior, bem como a configuração das casas como um lugar cultural com realização de festas, debates e venda/consumo de produtos brasileiros no exterior.

Segundo Thiesse o estado-nação organiza uma certa solidariedade entre seus membros. A educação e a socialização na nação fazem nascer um sentimento de pertencimento profundamente enraizados, propondo a cada um seu lugar no coletivo estável, na falta de outras perspectivas (2010: p.192). Assim, é possível afirmar que as novas Casas do Brasil na Europa são territórios educacionais brasileiros destinados agora, não apenas a estudantes/pesquisadores, mas aos trabalhadores, objetivando auxiliar e propiciar a integração e regularização dos brasileiros em Londres, Lisboa e Munique de várias formas e diferentes amplitudes militantes.

A CBL ao longo de sua história tem um forte protagonismo nas questões de imigração em Portugal como a resolução da

querela entre dentistas brasileiros e portugueses de 1992/3 e a regularização de cerca 30.000 imigrantes propiciada pelo Acordo Lula (2003). A Casa do Brasil de Munique tem atuado na difusão da língua portuguesa na Baviera através de projetos como a Mala de Herança que ensina a crianças teuto-brasileiras o português, através de contos tradicionais e a Casa do Brasil de Londres desenvolve um trabalho de tradução de documentos necessários a regularização no Reino Unido.

## 6. Etnografia, antropologia e educação

Em dezembro de 2010 concluí meu trabalho de campo na Maison du Brésil. Depois disto retornei várias vezes à residência e à Casa do Brasil de Madri, entre 2011 e 2019. Em 2017 enquanto investigador visitante do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pesquisei a respeito das casas do Brasil de Londres, Munique e sobretudo Lisboa. Gostaria de refletir sobre alguns elementos que marcaram este percurso pesquisa, meus estranhamentos e, sobretudo meu aprendizado da Antropologia como educação.

*Anthropology for me is such a practice. If its method is that of the practitioner, work with material its discipline lies in the observational engagement and perceptual acuity that allow the practitioner to follow what is going on, and its turn to respond to it. This is the method, and the discipline, Known in the trade as participant observation. It is one of which anthropologists are justly proud. Participant observation, is a practice of anthropology not of ethnography. (Ingold: 2013, p.4).*

Face a reflexão de Ingold relembro o começo deste percurso na Maison du Brésil, em que a aceitação do grupo se deu de forma gradual a partir de minha atuação como residente. As primeiras descobertas se deram a partir da percepção de que esta sensação de certa depressão (do não estar lá no Brasil, sem ainda estar na França, somada ao impacto do fuso horário e a solidão) também era partilhada por grande parte dos residentes.

Depois de alguns dias observando de longe a vida das pessoas decidi entrar na cozinha à noite e tentar conversar como todos na casa faziam. Aquele constrangimento inicial de começar a se apresentar, reconhecer limites, partilhar dúvidas, no meu caso, se somou a uma rápida descrição de minha pesquisa: a Maison du Brésil vista a partir de seus habitantes e a uma curiosidade generalizada perpassada por vários desconfortos que me exigiram desconstruções e explicações. – Ah, você é a informante da CAPES que veio investigar a gente? – Aquela pesquisa que a Inez falou, é você quem faz! – Hum, você vai contar tudo?

A notícia de minha chegada na casa e da pesquisa com algumas incompreensões se espalhou rapidamente. Decidi então, por uma medida ética e informativa enviar uma correspondência a todos os residentes e funcionários explicando sobre a pesquisa e os convidando a participar. A medida funcionou bem em termos informativos, mas continuei a sentir certa desconfiança por

parte das pessoas que tive de lentamente desconstruir para poder observar, o que ocorreu durante todo o período do trabalho de campo, gradativamente.

Percebendo estas dificuldades procurei não forçar nenhuma situação, apenas captar imagens quando permitido e jamais efetuar anotações em espaços coletivos para evitar constrangimentos. À noite preenchia o diário de campo na solidão e aconchego do meu quarto ao qual começava a me adaptar. Como os demais residentes passei a me adequar à vida na casa e a dialogar com um conjunto de peculiaridades que, para mim, muitas vezes se cingiram a dificuldades de inserção.

Nos meses iniciais tratei de consultar, estudar e organizar toda a documentação disponível. Fiz parte deste trabalho na Biblioteca o que me aproximou dos funcionários, cujos espaços de trabalho são no térreo da casa. Algo muito bonito disto tudo foi poder contar também com a diretora da casa e dirimir com ela dúvidas que invariavelmente apareciam na documentação.

O apoio dos funcionários e dos novos amigos que frequentemente debatiam comigo contrabalançou minha percepção inicial de insegurança e das incertezas, me fornecendo a sensação de que eu estava desenvolvendo um trabalho "em conjunto" perpassado por nossas curiosidades, interesses e olhares. A casa fazia tantos sentidos e comportava contradições latentes que por vezes me desatinavam e me incitavam a conhecê-la de um ponto de vista que colocava os interesses e percepções de seus atores na seara da interpretação, de um necessário diálogo em que suas próprias significações se constituíam no viés para a construção de minha interpretação.

Posteriormente percebi que a questão não era só permanecer na Maison du Brésil, mas a perspectiva de dar continuidade ao que se estava pesquisando e vivenciando na França, também em termos de viagens turísticas e de participação em eventos. Passei a observar, a princípio a partir das minhas viagens para eventos e campo que elas aceleravam e acendiam o sentimento de apego. A casa, seus espaços, nossos quartos e cozinhas, mas principalmente as redes que formávamos naqueles meses eram nossos referenciais.

Essas relações de confiança mútua e de reciprocidade me forneceram uma pista para entender melhor a casa e as vidas que lá se desenrolavam. Havia uma rotina por traz das festas que também viraram rotina, em vários momentos em que alguns grupos sentiam o desejo de estar juntos para além de tudo o mais. A urgência de um tempo que se esvaía, a consciência meio juvenil de que amanhã ele levaria da casa alguém que conhecemos há poucos meses, mas que se tornou tão próximo.

As impressões que relatei até aqui me propiciaram dialogar com os residentes e trabalhadores da Maison du Brésil como parte do meu processo de educação na antropologia. Meu aprendizado do campo para além do relato, do sentir-me *com* e *no* universo dos moradores da Maison du Brésil:

*What truly distinguishes anthropology. I believe, is that is not a study of at all, but a study with. Anthropologists work and study with people. Immersed with them in the environment of*

*joint activity, they learn to see things (or hear them, or touch them) in the ways their teachers and companions do. An education in anthropology, therefore, does more than furnish us with knowledge about the world - about people and their societies. It rather educates our perception of the world, and opens our eyes and minds to other possibilities of being. (In-gold: 2008: p.82)*

Esta passagem teve algumas rupturas que mudaram os rumos do campo. O verão havia passado e com ele a aproximação dos que, como eu, decidiram permanecer na casa. De alguma forma deixei de fazer anotações mais sistemáticas, de produzir imagens e reduzi as entrevistas o que me aproximou de alguns residentes me remetendo ao tempo da minha própria tese de doutorado na Maison du Brésil, ocorrida em 2003 e 2004. A escrita e suas incertezas, perpassadas por alguns tropeços estava também sendo vivida por boa parte dos residentes de 2010 que, como eu, estavam começando a escrever e isso nos aproximou e identificou.

Foi como se um círculo de alguma forma se fechasse no lugar em que começou! A escrita, saídas para a biblioteca, muitas visitas a livrarias, partilhadas com amigos fizeram com que eu percebesse o abismo entre a rotina de trabalho dos pesquisadores de doutorado e dos poucos pós-doutorandos que habitavam a Maison du Brésil.

Meu percurso metodológico remete ao impacto do habitar a Maison du Brésil. Residir temporariamente em um local que se configura em patrimônio e imagem do Brasil desde sua constituição, onde a comunicação entre a vida privada e a pública é obrigatória e tem como decorrência uma sensação de intranquilidade. Nas significações observadas junto aos residentes foi impactante a preponderância da representação do cuidado e desejo de preservação do prédio de concepção modernista pela direção, em relação aos habitantes que o animam e que são temporários, cujo fluxo de chegada e saída é regido pelos calendários acadêmicos francês e brasileiro. Somado a esta "mágoa" encontrei depoimentos que a representam como signo de descontração "- meu club med" (Clarice: arquitetura, 2010) como lugar de memória individual e socialmente partilhada entre residentes contemporâneos.

A Maison du Brésil em Paris é o próprio Brasil constituído como um território simbólico que está sendo mostrado, degradado ou cuidado, próspero ou em ruínas, clandestino ou oficial. É a imagem da nação brasileira no exterior, concebida a partir de um projeto intercultural que a abriga e que dialoga com sua administração. É um lugar privilegiado para se conhecer e inventar *brasis* no exterior com uma possibilidade de contato íntimo entre brasileiros de várias regiões, inexistente no Brasil.

O que tentei demonstrar é que a vida na Maison du Brésil, como um território educacional nos acresce pessoas, nos soma afetos, novos desejos e inquietações. Ela nos propõe um novo mundo no velho mundo e uma nova vida em um espaço patrimônio com data para começar e terminar. Isso produz angústia e desejo, fetiche e medo que de alguma forma marca quem passou por lá. Como uma pele que nos habita. Como uma casa que nos incita:

*That this world is not just what we think about but we think with and that in its thinking the mind wanders along pathways extending far beyond the envelope of the skin - that makes the enterprise anthropological and by the same token radically different from positive science. We do our philosophy out of doors. And in this the world and its inhabitants, human and non-human, are ours teachers, mentors and interlocutors (Ingold: 2008, p.83).*

Viver na Maison du Brésil se configurou em uma experiência antropológica de alteridade e aprendizado. Meu processo de educação na antropologia de alguma forma se desviou da etnografia de uma *maison* como eu planejava. A pesquisa se deu porque eu vivi *com* a Maison du Brésil e não apenas *na* casa, num processo artesanal da urdidura de entendimentos contraditórios a respeito das práticas e saberes que lá se processam, através e pela atuação dos atores que a habitam ou que frequentam. Ele tomou outros rumos e penetrou o meu mundo, levando-me a outras casas/nações o que me incitou a trilhar novos percursos de pesquisa, em outras casas do Brasil, na Europa na busca de seus significados.

## 7. A Casa do Brasil de Lisboa (CBL)

Cheguei em Lisboa no final de junho de 2016. Havia feito em março do mesmo ano um contato com a Casa para a realização da pesquisa. A CBL se situa na rua Luz Soriano n.42, no Bairro Alto, em uma casa locada da Câmara Municipal de Lisboa. Trata-se de um sobrado de esquina de 3 andares cuja rua, localizada à direita da Calçada do Combro, obriga quem a procura a subir por um longo trecho até chegar ao prédio. A porta se abre através de uma campainha sem que ninguém venha receber quem chega. Um pouco escuro, o hall de entrada se comunica ao primeiro piso através de uma longa escada de madeira. É neste andar que se situam os gabinetes (GIP – Gabinete de Inserção Profissional, GOE–Orientação e Encaminhamento e GAJ – Atendimento Jurídico) e uma grande sala de espera com vários símbolos brasileiros distribuídos nas paredes e a bandeira nacional, próxima a uma das grandes janelas.

Menos perceptível para quem chega no térreo, à direita da escada, está o acesso aos banheiros e a um grande salão em verde e amarelo – o bar, onde ocorrem as festas. Há uma porta que se abre para o exterior, convidando a quem passa na esquina nos dias de acarajé e outras festas a entrar. O cheiro de comida e a música que se ouve remetem ao Brasil, produzem um trabalho de memória sensorial acionado pelo cheiro de dendê misturado aos sons de bossa nova, lembranças do Brasil da Bahia que invade a tradicional Lisboa do Bairro Alto, numa mistura instigante e calorosa!

O segundo andar da casa é todo ocupado pelo salão onde ocorrem as aulas de ioga, dança e teatro e que se transforma em dias de conferências e mesas redondas em território de acalorados debates. As paredes que dão acesso ao terceiro piso onde se localiza a biblioteca e o CDOC são decoradas com os tambores de maracatu que revelam cenas coloridas de um Brasil plural.

Na minha primeira visita a CBL, no dia 2 de julho, fui bem recebida por Cyntia e Patrícia (responsável pelo GIP – Gabinete de Inserção Profissional) e naquela mesma tarde iniciei meu aprendizado de campo, pesquisando as edições mais recentes do *Jornal Sabiá* (publicação que a CBL tem desde a sua criação), para me familiarizar com o cotidiano da associação e seus atores. Nos dias subsequentes tive acesso ao CDOC (Centro de Documentação da CBL) e continuei a pesquisa documental, através da realização de uma etnografia dos arquivos, Rockwell (2011), analisando os primeiros números do *Jornal Sabiá* com o objetivo de entender a história da CBL, através dos aspectos destacados na publicação cruzada a sincronia que começava vivenciar com seus trabalhadores e colaboradores.

O processo de aprendizagem na associação se dá de forma situada, nas perspectivas de Lave (1996) e de Ingold (2010). As tarefas diárias de atender telefone, abrir a porta, receber as pessoas que vem atestar sua situação de desempregados junto ao GIP, organizar a agenda de atendimento dos gabinetes, dialogar com os colaboradores foi me propiciando uma experiência de Antropologia como educação, conforme propõe Ingold (2008) que redundou a um só tempo no conhecimento da CBL como pesquisadora, mas especialmente no aprendizado do trabalho voluntário de secretaria envolvido com as questões de imigração, na preparação de projetos para captação de fundos para a casa, na organização do livro comemorativo dos 25 anos da Casa do Brasil de Lisboa e na participação do *Jornal Sabiá*, nas discussões para resolver problemas iminentes.

A concepção de antropologia como educação de Ingold, já referida, entende a antropologia como um processo de imersão em um grupo, participando de sua vida e, de alguma forma, aprendendo a ser um deles, para além de um estudo sobre uma determinada realidade do grupo pesquisado. Uma visão de antropologia que pressupõe o "com". A situação de trabalho de campo cria laços profundos ao longo do tempo partilhado e incide em dimensões éticas, das quais destaco o comprometimento com a continuidade da existência da CBL.

É neste sentido que se inscreve, como desejo salientar, a reciprocidade entre a minha atuação como pesquisadora e a Casa do Brasil de Lisboa. Creio que aqui vale acrescentar a percepção de uma Antropologia com de Ingold a visão de uma antropologia do "como", enquanto possibilidade da existência da cultura em estudo. Desde o começo do trabalho de campo na CBL tenho sido solicitada, pelos seus integrantes a dialogar sobre a busca de soluções, de caminhos para que a Casa do Brasil de Lisboa possa continuar a funcionar, uma vez que o cenário do financiamento das associações em Portugal vem se modificando e restringindo as possibilidades de atuação das mesmas. Sinto-me parte de um universo de pesquisa em que o engajamento é implícito como possibilidade de aceitação pelo grupo e explícito como retorno em termos da atuação em diversas atividades.

Como consequência deste percurso de pesquisa que se deu através de múltiplas experiências de campo vivenciadas nas Casas do Brasil, residências estudantis e que chega atual-

mente as Novas Casas do Brasil, minha percepção de uma antropologia "com" se alarga. Da afirmação de uma antropologia "com o grupo" destacada a partir da experiência com a Maison du Brésil passo para uma antropologia "como" (mais engajada em busca de alternativa) ou porque não dizer de uma Antropologia aplicada aos interesses da cultura estudada, conforme experienciei através do trabalho voluntário na Casa do Brasil de Lisboa.

O processo educacional se desdobrou em aprendizado metodológico, mas não encerrou aí. O aprendizado se projetou em várias dimensões nas atividades diárias, conforme destaquei. A aprendizagem da nação portuguesa, pelos brasileiros que migram para Portugal ocorre por motivos plurais, conforme demonstro em Brum (2021). Ela se processa desde a preparação da viagem, da busca de um visto de trabalho, de estudo ou mesmo da sua saída como turista e da decisão de ficar em Portugal sem que a documentação tenha sido solicitada anteriormente a sua saída do Brasil. A CBL se constitui em um território "brasileiro" parte deste cenário em que seus agentes e colaboradores efetuam uma pedagogização da nação portuguesa (de difícil decodificação, conforme percebi na fala de alguns sujeitos) ao auxiliarem, indicando alguns caminhos através de informações e serviços, conforme analisam Barreto (2011) e Brum e Vianna (2017). Um possível aprendizado para a integração (ao menos de um ponto de vista da necessária legalização, da obtenção dos documentos para poder permanecer), em Portugal.

Löfgren (1999) ao estudar o sentido metafísico e existencial de cruzar as fronteiras nacionais em seus locais de entrada e saída se refere a uma pedagogia multifacetada do espaço que se expressa em relações de ansiedade e desconforto frente ao desconhecido: "Another common methaphor is the nation as a house and the immigrant as a visitor knocking at the door or the window, standing at the threshold or in the back yard" (Löfgren, 1999, p.12). A metáfora da casa como nação se materializa e complexifica no cenário da Casa do Brasil de Lisboa. Sua existência como uma associação que se configura em território do acolhimento e integração é reveladora das dificuldades de aproximação do imigrante brasileiro com o estado português.

Meu argumento é de que as Casas do Brasil na Europa possibilitam pensar a nação através das dimensões educativas enquanto territórios do Brasil no velho mundo. Tal perspectiva se dá quer como elemento associativo em prol da inserção dos imigrantes, sobretudo brasileiros em Portugal, Alemanha e Inglaterra, quer como espaço de moradia de pesquisadores em Paris em Madri.

Em ambos os casos são territórios em que se aprende de múltiplas formas a dialogar com as nações europeias em que se situam as Casas do Brasil e suas exigências, através das mediações que se propõem a estabelecer. Tais casas se constituem para mim em um universo singular de aprendizado ético e humano de entender os Brasis que se inventam na Europa, os múltiplos sentidos a que se propõem e para o qual necessitei educar meu olhar de antropóloga, em suas formas de atuar!

## Bibliografia

- ABÉLÉS, Marc. (2008). *Anthropologie de la globalisation*. Paris : Payot Et Rivages.
- AUGÉ, Marc. (2003) *Le temps en ruines*. Paris : Galilée.
- ANUAIRE(2004). *Internationale des anciens de la Cité Universitaire de Paris*
- BERGUES, Martine e ALPANDÉRY, Pierre. (2004). « Territoires en question: pratiques des lieux, usages d'un mot. » *Ethnologie Française*, (1) : 5-12.
- BARRETO, Alessandra Siqueira. (2011) Entre política e cultura: associativismo migrante em Portugal in MALAUD, Andrés e FLÓREZ, Fernando C. (org.) *Migração, coesão social e governação*. Lisboa ICS, 2011, p.301-322.
- BOURDIEU, Pierre. (1980). *Les sens pratique*. Paris: Éditions de Minuit.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (2002) *Educação como cultura*. São Paulo: Mercado das Letras.
- BRUM, Ceres Karam (2009) Maison du Brésil: a brazilian territory in Paris IN VIBRANT, p.91-122 [http://www.vibrant.org.br/downloads/v6n1\\_brum.pdf](http://www.vibrant.org.br/downloads/v6n1_brum.pdf)
- \_\_\_\_ (2014). *Maison du Brésil: um território brasileiro em Paris*. Porto Alegre: Evangraf.
- BRUM, C. K. (2021). A Casa do Brasil de Lisboa: uma associação de Acolhida IN INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 23 n. 1, p. 7-38, jun. 2021
- BRUM, Ceres Karam e VIANNA, Carlos. (2017). Casa do Brasil de Lisboa : um projeto vitorioso. Lisboa. MX3 Artes Gráficas.
- BRUM, Ceres Karam e RUSSI, Adriana. (2019). Sob diferentes tetos: etnografando casas e revelando dimensões educativas e patrimoniais. *Etnográfica*. Lisboa, vol. 23 (3) p.692-715. file:///C:/Users/ceres/Downloads/etnografica-7484.pdf
- CASA DO BRASIL. Casa do Brasil: Colegio Mayor Casa do Brasil, c2012. Página inicial. Disponível em: <<http://casadobrasil.org/inicio/?lang=pt>>. Acesso em: 30/04/2021
- CHOLET, Mona. (2015). *Chez soi: une odyssee de l'espace domestique*. Zone, Masnil-sur-l'Estrée.
- CIUP. Cité Internationale Universitaire de Paris, c2021. Página inicial. Disponível em: <[www.ciup.fr](http://www.ciup.fr)>. Acesso em: 30/04/2021
- FELDMAN-BIANCO, Bela. (2001) Entre a "fortaleza" da Europa e os laços afetivos da "irmandade" luso brasileira: um drama familiar de um só ato in CASTRO, Mary Garcia (org.) *Migrações internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: PNPd, p.151-176.
- GELLNER, Ernest. (1983). *Nations et nationalisme*. Paris: Payot.
- GRIAULE, Marcel. (1966). *Die d'eau: entretiensavecOgotemmêli*, 1948. Paris: Librairie Arthème Fayard.
- HANNERZ, Ulf. (1990) "Locais e cosmopolitas" in FEATHERSTONE, Mike (org.) in *Cultura global*. Petrópolis: Vozes, p. 251-266.
- INGOLD, Tim. (2010). Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*. Porto Alegre, v.33, n.1, p. 6-25, jan/abr.
- INGOLD, Tim. (2013) *Making: anthropology, archaeology, art and architecture*. London: Routledge.
- LAVE, Jean. (1996). Teaching as learning in practice. *Mind, culture and activity*, v. 3, n. 3, p. 149-165.
- LÉVI-STRAUSS. Claude (1957). *Tristes trópicos*. São Paulo: Ed. Anhembi.
- LÖFGREN, Orvar. (1999). "Crossing borders. The nationalization of Anxiety." *Ethnologia Scandinavica*. Vol.29, p.5-27.
- MAISON DU BRÉSIL. Maison du Brésil, c2016. Página inicial. Disponível em: <[www.maisondubresil.org](http://www.maisondubresil.org)>. Acesso em: 30/04/2021
- MIILLER, Daniel. (2002). *Contemporary art and the home*. Oxford-Berg.
- ORTIZ, Renato. (2002) *O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo*. São Paulo: Brasiliense.
- ROSALES, Marta V. (2015). *As coisas da casa: cultura material, migrações e memórias familiares*. Lisboa: ICS.

- RUEGG, François. (2011). *La Maison paysanne: histoire d'un mythe*. Paris: Infolio.
- SAHLINS, Marshal. (1999) *Ilhas da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SAQUET, M. A. (2010). *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular.
- THIESSE, Anne-Marie (2000) *A criação das identidades nacionais*. Lisboa : Temas e Debates.
- \_\_\_\_\_. (2010). *Faire le français: quelle identité nationale?* Paris: Stock.

Submetido: 25/01/2021

Aceite: 22/12/2021